

POLÍTICA e ESTRATÉGIA

revista trimestral de política internacional e assuntos militares

Octávio Costa

Os Militares na Sociedade Moderna

Vanda Maria Ribeiro Costa

Rebeliões Militares na Década de 30

Alvaro Valencia Tovar

Colômbia: O Movimento Guerrilheiro 19 de Abril

Nelson Ó de Almeida

Para Uma Teoria da Dissuasão

Alberto Tamer

A Paz Armada em Israel

Maria de Nazaré Oliveira Imbiriba

Fábio Sepulveda López

Experiências em Desenvolvimento Amazônico

L. de A. Nogueira Porto

Da Independência ao "Pragmatismo"

Inclua-me entre os assinantes de Política e Estratégia

Nome

Rua

Cidade Estado CEP *Telefone*

Anexo cheque no valor de Cr\$ 65,00 do Banco *nº* *em nome do*

CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS

Alameda Eduardo Prado, 705 - 01218 São Paulo-SP - (011) 826-7577



O PREPARO PARA A GUERRA

Sérgio Paulo Muniz Costa

Início da conclusão deste artigo: "Vimos então que não há choque entre a eficácia militar e a cultura", adiante... "mais importante do que a habilidade técnica é a formação do caráter do combatente". Pelo fato de ser o Capitão Sérgio Paulo Muniz Costa ainda um jovem oficial, vale a pena, para o leitor, considerar seus pensamentos também como uma demonstração de nova inteligência emergente.

INTRODUÇÃO

A escolha da profissão militar traz consigo a permanente preocupação de como se preparar para a guerra. Ao longo de toda sua carreira, o soldado profissional, do tenente ao general, passou horas intermináveis imaginando, estudando, concebendo ou planejando a guerra. Se ele já sofreu os horrores de uma, a marca será indelével no seu espírito. O alto grau de proficiência e bom senso permitirão àquele profissional discernir o que pode ou não ser empregado em outra campanha.

No entanto, este não é o nosso caso. Não a vimos, sofremos ou sentimos. Fomos formados e continuamos até agora nos preparan-

do para sua contingência encarando-a dialeticamente em nosso íntimo como tragédia humana e oportunidade para o cabal desempenho das funções para as quais nos preparamos durante toda a vida. No mal definido contorno de suas sombras, nos perguntamos como nos sairemos, individualmente e em conjunto, levando em conta tudo que aprendemos e ensinamos.

Portanto, estas linhas não têm a veleidade de estabelecer normas e padrões a serem seguidos, mas tão-somente trazer observações, constatações e opiniões sobre a preparação para a guerra, que são em sua esmagadora maioria coincidentes com as idéias dos muitos profissionais com que convivemos na caserna. No esforço de buscar a

explicação de fatores subjetivos que inundam o tema guerra, fomos apoiar essas idéias nos princípios que grandes estudiosos e filósofos nos legaram.

Assim sendo, ao falarmos de guerra, não podemos deixar de levar em conta as lições contidas no maior trabalho filosófico sobre o tema, intitulado "Vom Kriege", de autoria do prussiano Carl Von Clausewitz. Assim, inicialmente, vamos dali tirar algumas idéias evitando generalizações. No seu esforço para delimitar o fenômeno guerra, Clausewitz, no Livro I – "A Natureza da Guerra", no Cap. III – O Gênio Guerreiro, nos diz:

"A guerra é o reino do perigo. . . A guerra é o domínio do acaso. . . A guerra é o domínio da incerteza. . . A guerra é o domínio do esforço e do sofrimento físico." (1)

Tal como hoje, era grande a preocupação em definir como entregar-se a tal empreendimento com sucesso. Já era consagrada a noção de que o homem constituía a base de tudo. De nada valiam sofisticados armamentos se não houvesse por trás deles o ser humano preparado, motivado, treinado e dotado de peculiares valores morais que o levassem a cumprir sua missão. Um pouco adiante, o mesmo Clausewitz nos diria:

"... facilmente se comprehende que é necessário uma grande força moral e física para avan-

çar neste elemento desconcertante com alguma garantia de segurança e de êxito; de acordo com as diferentes modificações determinadas pelas alterações das circunstâncias, os narradores e os cronistas militares qualificam esta força como ENERGIA, FIRMEZA, PERSEVERANÇA, FORÇA DE CARÁTER e ESPIRITO."(2)

Com preocupação semelhante, Jomini escreveu:

"Os oficiais devem ter a convicção de que a resignação, a bravura e o sentimento do dever são virtudes sem as quais nenhuma glória é possível e nenhum exército é respeitável; e que a firmeza na adversidade é mais honrosa do que o entusiasmo no sucesso, porque é necessário apenas a coragem para atacar uma posição, enquanto é preciso heroísmo para fazer uma retirada difícil diante de um inimigo vitorioso e empreendedor, opondo sempre a este uma frente firme e inquebrantável". (3)

É desta força que Clausewitz nos falou, que nos ocuparemos nas linhas a seguir. Como obtê-la, deve ser, a nosso ver, a principal preocupação de todos os profissionais das armas, particularmente daqueles instrutores, que todos somos, nos estabelecimentos de ensino ou nos corpos de tropa, de homens a serem preparados para a guerra. Como mantê-la no nosso íntimo também deve nos preocupar diuturnamente, pois, ultrapas-

(1) CLAUSEWITZ, Carl Von, "A Natureza da Guerra". – In – Von Kriege, 1ª ed., São Paulo, Martins Fontes Editora, 1979, L.I., Cap. III, pp. 106-107.

(2) *Ibid.*, p. 110. O destaque em maiúsculas é nosso.

(3) JOMINI, Henri, "Epítome da Arte da Guerra", Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1949.

sados os verdes anos da assimilação dos dogmas profissionais, chegamos à idade da sua depuração e verdadeira compreensão. Faltando o entendimento do porquê o soldado age assim, faltará a convicção que nos permitirá prosseguir honestamente na carreira, ocupando o lugar daqueles que nos formaram e transmitiram as lições primeiras de responsabilidade e profissionalismo.

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E A ACADÉMICA NÃO SE CONTRAPÓEM

Inicialmente, devemos assinalar que a busca desta força do combatente, intimamente ligada ao seu preparo profissional, ao habitual manejear das armas e lidar com os homens sob seu comando, não exclui a formação acadêmica que dotará o homem da indispensável base humanística e científica que o habilitará a posicionar-se no amplo fenômeno social e tecnológico que é a guerra nos nossos dias.

Como nos mostra Raoul Girardet, a incompatibilidade do livro e da espada, da cultura e da eficácia militar, só tem razão de ser na consciência "individual, na intimidade das escolhas, das determinações e das atitudes e comportamentos. Ela perde todo sentido ao passarmos do plano dos destinos pessoais ao plano dos destinos coletivos, das nações e dos povos. Não devemos raciocinar com incompatibilidade, mas com complementaridade.

Parece-nos que o oficial recém-formado não será apenas o futuro chefe militar, ele será, durante a maior parte de sua vida profissional, o próprio Exército, na sua maneira de pensar, de agir, de treinar seus homens, de liderá-los e guiá-los à batalha. Ele será o tenente comandante do pelotão, o capitão comandante de subunidade, o major oficial de operações, o tenente-coronel membro do estado-maior de grande unidade e o coronel comandante de unidade que, ao superar os incontáveis obstáculos diretamente ligados ao exercício da profissão das armas, a despeito da experiência acumulada e dos cursos realizados ao longo da carreira, voltará sempre seu pensamento para as lições básicas da sua formação profissional.

Portanto, podemos assegurar com bastante tranquilidade que a formação profissional é básica e de longo alcance. Os valores guerreiros por excelência, afins aos da juventude, devem ser criteriosamente inoculados no jovem em formação, pois essa é a idade de incorporação de crenças (e toda pessoa deve ter a sua crença). Não será na meia-idade que um homem aprenderá a ser exigente no serviço, rigoroso na fiscalização da manutenção, rústico, enérgico e cuidadoso no trato com os homens sob sua responsabilidade.

Dura é a vida do soldado e não há outra maneira senão dura de aprendê-la. Mas por que será assim? Por que o profissional militar não pode levar constantemente uma vida igual à daqueles que exercem suas atividades nas em-

presas, escritórios, clubes e fábricas, como profissionais liberais, funcionários, atletas ou operários? Afinal, a guerra nos nossos dias tem características democráticas, todos têm o dever de defender a Pátria e, passados alguns meses de treinamento, o civil fardado será tão bom executante no combate quanto o profissional.

Não! Não cremos que seja assim e pretendemos mostrar logo à frente, com a ajuda de quem muito já meditou sobre o assunto, que não pode ser assim, sob pena de falharmos estrondosamente no cumprimento de nossa missão.

A FRICÇÃO NA GUERRA

Voltamos a citar Clausewitz no nosso esforço para levantar os problemas ligados à guerra. Uma de suas mais importantes noções é a de fricção. Aquilo que faz com que o planejado não aconteça na realidade, cuja compreensão é de capital importância na profissão das armas. Vejamos, então, uma série de extratos de suas citações sobre o tema:

"Na guerra tudo é muito simples, mas a coisa mais simples é difícil. As dificuldades acumulam-se e levam a uma fricção que ninguém faz idéia corretamente se não viu a guerra. . . É assim que na guerra tudo baixa de nível, na seqüência de inumeráveis contingências secundárias que nunca podem ser examinadas de bastante perto, em projeto no papel, de modo que se fica muito aquém do objetivo. Uma vontade podero-

sa, uma vontade de ferro, ultrapassa essa fricção, esmaga os obstáculos. . ." (4)

"A noção de fricção é a única que corresponde, de uma maneira geral, àquilo que distingue a guerra real da que se pode ler nos livros." (5)

". . . Em teoria é tudo muito bonito: o comandante do batalhão é responsável pela ordem dada, e como o batalhão está unido num só bloco pela disciplina e o seu chefe tem de ser um homem de um zelo notório, o péndulo oscila sobre seu eixo de ferro com um mínimo de fricção. Mas a realidade é bem diferente, e na guerra a ausência de verdade e o exagero, com o qual se apresenta revela-se instantaneamente. . . Os perigos a que a guerra conduz e os esforços físicos que ela exige agravam o mal a tal ponto que podemos considerá-los como as suas principais causas (da fricção)." (6)

". . . Acompanhamos o notável no campo de batalha. . . As balas percutem tão perto de nós, as granadas explodem a um tal ritmo, que o lado sério da vida acaba por se impor à imaginação juvenil. Subitamente, um dos nossos amigos tomba — uma granada cai no meio de um grupo de pessoas, provocando um burburinho involuntário — e damo-nos conta de que perdemos um pouco de calma e presença de espírito, e até o mais

(4) CLAUSEWITZ, Carl Von, "A fricção na guerra". In Von Krieger, 1^a ed., São Paulo, Martin Fontes Editora, 1979, Cap. 7, p. 123.

(5) *Ibid.*, p. 129.

(6) *Ibid.*, p. 130.

destemido se sente pelo menos desamparado." (7)

"... Se falamos do esforço físico, foi sobretudo porque ele pertence, tal como o perigo, às causas fundamentais da fricção e porque a incerteza em que se está sobre o seu grau o aproxima dos corpos elásticos que se sabe ser difícil de avaliar." (8)

Procuramos demonstrar a paciente e enorme diferença entre a atividade bélica e aquelas que se praticam comumente na sociedade. A convicção dos profissionais na excelência da imitação do combate, seja por constatação própria na guerra ou por educação militar, encontra nessas linhas de Clausewitz o seu embasamento filosófico. Fácil, portanto, é concluir que ao profissional das armas é necessária uma interação mais profunda com o ambiente de guerra do que aquela do cidadão convocado, treinado, enquadrado e armado para combater. Se não podemos, felizmente, dispor de sucessivas campanhas militares a fim de nos prepararmos psicologicamente, cabe-nos promover um processo de treinamento adequado.

Não basta ao militar ter uma cultura geral e profissional acurada, ser inteligente e dotado de bom preparo físico. Até aqui, ressalvadas as diferenças técnicas das respectivas áreas de atividade, um jovem e brilhante médico, advo-

gado ou engenheiro poderá reunir as mesmas qualificações.

Somente a conscientização da sua finalidade profissional através da imitação do combate dará a energia, firmeza, perseverança, força de caráter e espírito requeridas ao soldado, aqui citado no mais amplo sentido da palavra. É no treinamento para a guerra que a nossa vida em tempo de paz verdadeiramente difere da vida do comerciante, político, profissional liberal, desportista etc.

No treinamento consciente para a guerra, o militar reafirma sua opção profissional por convicção, conhece e procura superar suas limitações individuais, estimulando o subordinado a segui-lo. Passa então a compreender a dificuldade da execução de tarefas aparentemente simples em situação simulada de combate e imagina como seria em combate real. Enrijece o corpo, fortalece o espírito, age com desenvoltura e desembaraço, dirige-se a superiores, pares e subordinados com franqueza e lealdade e cultua a simplicidade, traço característico da personalidade do soldado.

A dureza no linguajar e no tratamento durante o treinamento para o combate, respeitados os limites da dignidade humana e honra pessoal, não devem fazer corar a ninguém, a não ser aos novatos, carentes da crua compreensão de que estão se preparando para executar uma tarefa difícil. Esta rudeza, com lugar, hora e ambiente não prejudicará em nada a confiança, estima e respeito que os subordinados nutrirão pelo instrutor ou

(7) *Ibid.*, "Do perigo na guerra", cap. 4, p. 123.

(8) *Ibid.*, "Do esforço físico na guerra", cap. 5, p. 125.

comandante profissional. Todos, então, ecumenicamente, constatarão que o soldado, profissional ou recruta, gosta de ser soldado.

O instrumento da guerra não estará se desgastando, mas sim melhorando sua témpera. O ir ao campo e bem cumprir as missões de instrução a despeito do mau tempo, calor ou frio inclementes, dificuldades de suprimento, sono, cansaço, estradas obstruídas, atoleiros e contratempos fará nascer o orgulho e a autoconfiança coletivos que se aplicarão às outras atividades da vida diária do quartel.

É esta postura, esta atitude do físico e da mente, que é privativa do soldado. Sua missão exige conhecimentos técnicos especializados, preparo físico e moral, e ainda coragem. Mas exige acima de tudo a sua aplicação no ambiente de guerra, requerendo, pois, uma capacidade toda especial de saber usá-las no meio da insegurança, incerteza, desconforto e privações. Somente o praticar constante nos dá esta capacidade toda especial de conviver com a fricção e é esta necessidade que torna, no campo da prática, nossa profissão absolutamente singular.

A IMPORTÂNCIA DO TREINAMENTO

Acreditamos que nosso Exército possui, atualmente, um dos mais bem concebidos sistemas de instrução militar no mundo. Abrangendo todas as Armas, Serviços e Quadro MB, todos os níveis

de formação na tropa e todo o ano de instrução, os Programas Padrão regulam o indispensável à formação do combatente e ao adestramento dos diferentes escalões. Primoroso no fundamental, não se esquece do acessório, da linguagem e técnicas adequadas de forma a atingir o seu usuário. Preciso no todo, cuidou primeiramente de uma apurada teorização que não deixa margem a confusões doutrinárias e definitórias. Flexível e adaptável, cuidou de facultar aos oficiais de operações as adaptações necessárias aos diferentes tipos de unidade, material e dotações, bem como da crítica autocorretiva dos programas.

No entanto, sabemos das inumeráveis dificuldades em colocar o sistema funcionando na prática. Limitações de ordem material de todo tipo impedem a consecução de vários objetivos de instrução, particularmente no período de adestramento. As limitações materiais reais, no entanto, longe de serem hipertrofiadas, transformando-se em justificativas para nada ou pouco se fazer, são encaradas de frente. Não nos faltam, aqui e no estrangeiro, exemplos históricos de rudimentares improvisações no treinamento de forças armadas. Recordando os antecedentes da 2ª GM, podemos citar os carros de combate de papelão sobre automóveis, utilizados pelos alemães nos primeiros exercícios das ilegais e neófitas unidades blindadas.

Surge aqui, de forma cristalina, o grande destaque no exemplo alemão: a vontade de fazer o melhor com o disponível, amparada

no mais estrito profissionalismo, no caso caracterizado pela compreensão da importância do treinamento, por mais simples que seja, sempre voltado para o realismo. É esta compreensão da importância do treinamento que ajuda, em todos os escalões, o surgimento de soluções e adaptações eficazes que, aliadas à força de vontade, farão acontecer o melhor exercício possível de se realizar.

Sobre esse tema, encontramos, nas CONCLUSÕES do Livro I de "Vom Kriege", o seguinte:

"Vimos que o perigo, o esforço físico, a informação e a fricção constituem os elementos que fazem o clima de guerra, clima que torna qualquer atividade mais difícil. A resistência que opõem a esta atividade permite representá-los na fórmula de uma fricção generalizada. Mas não existirá um lubrificante que possa suavizar este desgaste? Não existe, senão um, do qual nem o general nem o exército tem o poder de dispor à vontade: é o treino, o hábito do exército à guerra". (9)

"O treino é uma coisa que nenhum comandante pode conferir às suas tropas, pois as manobras no tempo de paz só têm lugar numa fraca medida. Fraca em relação à verdadeira experiência de guerra, mas não em relação ao exército, do qual só se procura obter uma habilidade mecânica através da elevação. Fazer de tal modo que uma parte desses motivos de fricção constituam o objetivo dos exercí-

cios ao tempo de paz, que a capacidade de julgamento, de reflexão e até mesmo de resolução dos diferentes comandantes seja posta à prova, eis uma coisa com um peso muito maior do que julgam aqueles que só conhecem a guerra por nela terem ouvido falar." (10)

Maquiavel também escreveria:

"A natureza produz poucos homens valentes; esforço e treinamento produzem muitos deles." (11)

Sobre o assunto vale a pena ainda tecermos algumas considerações sobre a fase que está vivendo o Exército dos EUA, a considerar as publicações que chegam às nossas mãos. Com enormes responsabilidades de defesa nacionais e internacionais, as Forças Armadas Norte-Americanas são obrigadas a manter-se em elevado grau de adestramento. Em artigo publicado na *Military Review*, o Coronel Huba Wass de Czege assinala que o alto grau de adestramento prejudica o refinamento da profissionalidade. Junte-se a isso a redescoberta do estudo de História Militar no Exército dos EUA como valioso instrumento na formação tática e estratégica dos seus quadros, das teorias matemáticas de jogos tão em moda na década de 60.

O Exército norte-americano volta-se para a teoria num esforço global para aprimorar-se profissionalmente. É a constatação de que

(10) *Ibid.*, p. 133.

(11) NISBET, Robert, "A comunidade militar". In "Os filósofos sociais", 19. ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, Cap. I, p. 75.

um oficial do exército é mais do que um combatente, ele também é um educador e, no futuro, será um dos chefes da força terrestre.

A influência francesa, na estruturação do nosso sistema de ensino e na formação de sua tradição, parece-nos ter salvado a longo prazo deste problema. Julgam alguns pesquisadores, até, que a excelência do nosso sistema de ensino militar teria permitido aos quadros da 1^a Divisão de Infantaria Expedicionária adaptarem-se tão depressa às realidades operacionais do Teatro de Operações em que fomos combater na 2^a Guerra Mundial.

Podemos concluir, parcialmente, que a nossa realidade é bem diferente da norte-americana, não nos devendo preocupar a teorização profissional subjetiva, mas sim manter bem viva, em todos os níveis, a idéia de fazer o melhor possível com o disponível, com determinação e entusiasmo.

A AQUISIÇÃO DA RUSTICIDADE

O caminho para um eficaz treinamento militar para unidade de qualquer Arma, Serviço ou Quadro passa obrigatoriamente pela aquisição de um determinado nível de rusticidade. Antes de prosseguirmos, cabe-nos perguntar o que é ser rústico. Fomos ao novo Dicionário Aurélio e lá encontramos: (12)

(12) O Novo Dicionário da Língua Portuguesa é o maior e mais atualizado dicionário da Língua Portuguesa.

“... 2. Rude, grosseiro, tosco simples: homem rústico...
... 6. Indivíduo que habita o campo”. (13)

A definição não altera em nada o nosso entendimento do termo rusticidade. Desenvolver a rusticidade significa para nós adaptar-se à simplicidade da vida em campanha e às suas dificuldades.

Maquiavel, homem típico da Renascença, período de refinamento cultural, artístico e social, e que foi também um dos primeiros e mais importantes teóricos de guerra, escreveu:

“Treine seus soldados no desprezo a alimentos delicados e roupas dispendiosas.” (14)

Não vamos aqui detalhar a iniciação do jovem recruta no Exército. Treinamento físico, ordem unida, marchas, acampamentos, bivaques, pistas de combate, tiro, instruções especiais e noturnas conferem-lhe o conhecimento de técnicas e táticas individuais para o combate. É válido destacar como, curiosamente, esse processo de adaptação à vida militar se reveste das características de um verdadeiro ceremonial, principalmente quando há um forte vínculo entre a unidade militar e a comunidade civil, fato comum nas guarnições do interior. Primos, irmãos e

(13) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa, 1^a ed., Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1975, p. 1.253.

(14) NISBET, Robert. “A Comunidade Militar”. — In “Os filósofos sociais”, 1^a ed., Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, Cap. I, p. 75.

amigos povoam a preocupada mente do recruta com incríveis histórias sobre acampamentos, frio, cansaço e desgaste físico. Ultrapassados os momentos difíceis, o recruta, autoconfiante e orgulhoso dos seus feitos, alardeia sua vitória naquela prova. Quanto maior a interação da sociedade civil com a unidade militar, maior será a importância deste cerimonial. Algumas unidades de características especiais, como as de blindados, de Polícia do Exército, de selva e pára-quedistas abrillhantam o evento com a entrega de boinas, braçais ou "brevets" que assinalam o ingresso do novo no círculo dos veteranos.

Tornar rústico, a curto prazo, um homem egresso de uma sociedade cada vez mais industrializada, com uma população a cada dia mais urbana, não é fácil. Novamente, cresce de importância o papel do profissional, pois só com absoluta convicção interior na sua missão poderá desempenhar seu papel de educador de jovens que, em princípio, não estão dispostos a sacrifícios pessoais ilimitados.

Essa tarefa conta nos dias de hoje, no nosso País, com uma alia da que é a grande difusão do esporte amador na juventude e na população em geral. Maratonas, "cross-countries", desafios de natação e outras provas, além da prática de esportes nos colégios, facilitam *a priori* a preparação física do futuro ou potencial soldado. Desnecessário é dizer o quanto falta até a completa formação do soldado. No entanto, fica assim o

começo do trabalho, a aquisição do preparo físico, facilitado.

Terminada a Instrução Individual Básica e de Qualificação, temos um homem pronto a integrar a respectiva fração, Subunidade e Unidade. E o momento de aplicar, imitando o combate, o que foi aprendido em estandes, oficinas, parques e áreas de instrução. Aí, todos, sem distinção de posto ou graduação, entregam-se de corpo e alma ao treinamento para a guerra. A atitude para esse treinamento deve ser de entusiasmo e começa a se exteriorizar pelo cuidado com o armamento e equipamento individuais. Cuidados profissionais, que vão desde a adequada camuflagem individual do armamento, do capacete, das inscrições e pára-brisas das viaturas até a inspeção dos fardos de bagagem e de combate da tropa, dão um cunho todo especial ao acontecimento de instrução. Durante o exercício, sempre se dando ciência ao soldado, em palavras simples, da situação vivida e o que se espera deles, os oficiais devem dar exemplos de abnegação, entusiasmo e disposição, impulsionando seus homens. O excesso também é pecado, pois um engajamento exagerado em ações e situações de todos os escalões da tropa pode levar o oficial à omissão do seu papel de coordenador e planejador que também lhe cabe em combate.

É nesta fase que o recruta vê o seu comandante de subunidade e de fração vencer com ele as maiores dificuldades, cada um desempenhando o papel que lhe cabe. É no decorrer desses exercí-

cios que ele se entusiasma com a onipresença do seu comandante de unidade, percorrendo as peças das baterias durante uma entrada em posição numa chuvosa noite de inverno.

Uma das características mais marcantes de qualquer exército é o senso de solidariedade. O perigo, desconfortos e dificuldades são comuns a todos. Porém é o sentimento de solidariedade que leva os homens fardados aos grandes sacrifícios da guerra. Se o jovem tenente chegado à tropa não for duro consigo mesmo e seus homens, tenderá inequivocadamente a fazer concessões a si próprio e a seus homens. Logo adiante, em função da limitação de recursos e das exigências da situação, fará concessões a si próprio em detrimento dos seus homens e aquele elo invisível e sagrado chamado Confiança será rompido.

A obtenção de padrões mais elevados de desempenho em condições difíceis pode ser obtida adotando-se o treinamento sob tensão. Ao contrário do que algumas vezes se pensa, o método, longe de ser uma "sugatória" indiscriminada e arbitrária, tem objetivos muito bem definidos e uma base científica. Está calcado na Teoria da Síndrome Geral de Adaptação apresentada em 1936 por Hans Selye na revista *Nature* e tão em voga atualmente na preparação dos atletas. Adaptando-se superficialmente a teoria ao nosso caso em estudo.

FATORES	CONSIDERAÇÕES
Tensão	Devem ser aplicadas pressões características do ambiente de guerra (tensão emocional, cansaço, dificuldades gerais etc.) com o objetivo de se conseguir mais antecipação e menos reação por parte do aluno.
Recuperação	Um plano de treinamento deve ter períodos de descanso nos quais é providenciada a adequada manutenção do material, o descanso dos homens e realizada a crítica, sempre vinculada à doutrina.
Progressão	A tensão deve aumentar a cada novo exercício. A tensão aqui compreendida como a combinação de Dificuldade e Padrão de Desempenho. Podemos aumentar um dos dois componentes ou ambos.
Equilíbrio	A dificuldade no ambiente de guerra é geral e abrange diversos campos. As dificuldades criadas no exercício devem incidir sobre todos os campos, equilibradamente. Assim, por exemplo, além do desgaste físico sofrido pela tropa para conquistar determinado objetivo, ela deve ser submetida às dificuldades de suprimento, remuneração por uma via sob vistas e fogos inimigos ou à ação do inimigo aéreo, e assim por diante.

Variedade	Os tipos de operações devem variar. Ao serem apresentados novos desafios à tropa, ela reagirá positivamente.
Regularidade	Um novo exercício pode e deve ser realizado tão logo a manutenção, descanso e crítica tenham sido realizados.

Assim, conchedores da existência de um desgaste geral no ambiente de guerra, da necessidade de preparar o combatente para enfrentá-lo física e psicologicamente e ajudado por idéias modernas sobre o treinamento físico em geral, podemos concluir parcialmente que a aquisição da rusticidade é de primordial importância. O profissional deve ser submetido a duros treinamentos na sua formação, identificando, no entanto, as diferenças de nível dos alunos e respectivos objetivos. Deve também saber seguir um planejamento coerente e equilibrado quando chegar a hora de aplicá-lo como instrutor.

AS CRENÇAS E A DISCIPLINA

Toda pessoa deve possuir uma crença, cujos valores sejam inabalaíveis e incontestáveis. Existe também uma idade para a aquisição de dogmas. É sabido também que, na sua aquisição, o que importa é o fervor de convicção de quem o apresenta, não havendo espaço para contestações ou porquês. O

exemplo e o ceremonial são importantes para levar ao jovem iniciante os valores da instituição, congregação ou ordem. Tem sido assim ao longo dos séculos e continuará a ser assim.

Não se concebe o jovem tenente perguntar ao seu capitão por que os tubos de suas peças devem ser limpos durante a noite, ao chegar do campo, e não na 2^a — feira, após o fim de semana. Da mesma forma, ele não perguntará por que deve ser rígido no serviço de Oficial de Dia e começar na Parada Diária. Ele não perguntará por que foi impregnado pela rigidez na sua formação e impressionado pelo ceremonial da execução. As imagens acadêmicas do capitão instrutor, de lenço branco à mão inspecionando as raias dos tubos das peças, ao final da manutenção, e a rigidez da ordem unida e o rigor da inspeção do Ajudante do Corpo de Cadetes na Parada Diária, para não citar muitos outros exemplos, são o bastante para ilustrar o que queremos dizer.

Da mesma forma, há a idade para a depuração das crenças e seus refinamentos. É a idade da maturidade, dos cursos de aperfeiçoamento e de estudos mais elevados, quando o homem transpõe a rigidez da execução para a firmeza das verdadeiras convicções, ideais e orientações.

CRENÇA e DISCIPLINA estão ligadas a tal ponto que se torna difícil classificá-las mutuamente como CAUSA ou CONSEQUÊNCIA. Depois de termos exaltados as virtudes da RUSTICIDADE no elenco de qualidades

guerreiras do jovem e de termos afirmado o quanto importante é a convicção das suas motivações, não poderíamos deixar de abordar o tema DISCIPLINA.

Maquiavel, escrevendo sobre a guerra, preocupou-se com sua importância para o exército:

"Na guerra, a disciplina vale mais que o entusiasmo". (15)

Mas seria o maior sociólogo da nossa era, Max Weber, que, a nosso ver, melhor definição conceberia da DISCIPLINA MILITAR:

"O conteúdo da disciplina militar nada mais é do que a exata execução, metodicamente treinada, da ordem na qual toda crítica pessoal é incondicionalmente omitida e o protagonista está firmemente e exclusivamente voltado para a execução da ordem. Além disso, essa conduta, sob as ordens, é uniforme. Sua qualidade de ato comunitário de uma organização de massa condiciona os efeitos específicos desta uniformidade". (16)

O ALCANCE DO TRABALHO DE PREPARAÇÃO PARA A GUERRA

Paralelamente à conscientização da importância da missão de que se desincumbe diariamente nos quartéis, ao disciplinar centenas de jovens recrutas, deve haver, por parte do profissional militar, a compreensão do alcance do seu

trabalho. Max Weber assinalou que "a disciplina do Exército dá origem a toda disciplina". (17) Con quanto no nosso País o percentual dos jovens que prestam o Serviço Militar seja muito pequeno em relação ao universo dos jovens em idade de serem convocados, para que aquela assertiva seja inteiramente válida, não podemos jamais perder de vista que o nosso trabalho de preparação do recruta para a guerra extrapola os fins imediatos de preparação da reserva para desaguar no esforço geral de desenvolvimento da Nação. Weber deu grande realce à disciplina como fator de desenvolvimento, não meramente militar, mas político.

Tomando como ponto de partida a citação de Raoul Girardet "A cultura que despreza o soldado é uma cultura destinada à falência" (18), podemos chegar sem risco de chauvinismo à conclusão de que o soldado possui uma função social que, delimitada em termos de atribuição na Constituição, tem características subjetivas que ultrapassam suas atribuições funcionais. É fácil imaginar o alcance de uma correta, austera, dura e objetiva instrução militar de um jovem ao longo do período vivido na caserna, quando o mesmo, após a sua baixa das fileiras da tropa, do CPOR ou NPOR, vai reocupar, em novas bases, seu lugar na sociedade civil. Saído do ambiente de culto à Pátria, de valo-

(17) *Ibid.*, p. 33.

(18) GIRARDET, Raoul, *Du Soldat et intellectuel*. In *Armées d'au Jourd' Hui*, Paris, Septembre, 1982, p. 27, traduzido.

(15) *Ibid.*, p. 75.

(16) *Ibid.*, p. 33.

rização da autoridade, da honestidade, probidade e lealdade, o cidadão está melhor preparado para desempenhar o papel que lhe cabe em termos de direitos e deveres. O efeito é importante, particularmente num país continente, que enfrenta enormes dificuldades com a educação do povo, etapa decisiva do desenvolvimento de qualquer nação.

O EXÉRCITO DE UMA DEMOCRACIA

Em contrapartida, as forças armadas não podem ser estanques às realidades da sociedade a que servem, sob pena de ocorrer uma ruptura fatal para os destinos do país. Sabemos, ainda, que o Exército é organizado e combate segundo a organização política do Estado a que serve.

Nossa organização político-social está fundamentalmente ligada à convivência harmoniosa entre as diversas classes sociais, reconhecidas e bem caracterizadas nos rendimentos, hábitos e estilos de vida. O Estado reconhece as citadas diferenças, sem distinguir, no entanto, os homens perante a Lei. Ainda de acordo com a evolução político-social do País, aperfeiçoam-se os mecanismos de solução dos conflitos de interesses.

Na obra histórica mais significativa do nosso tempo, o *Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo*, Fernand Braudel, ao lançar as bases de uma História Total, cliente da Economia, da Geografia, da Antropologia e da Sociologia, de-

monstra a supremacia do "tempo longo" sobre a "poeira dos acontecimentos" e da estrutura sobre a conjuntura. Sem ter sido filósofo, Braudel, tendo recebido elogios de todas as partes do mundo, consagrou com seu sucesso a Filosofia Histórica Evolutiva, que estuda a História segundo a perspectiva de graduais mudanças materiais, humanas e culturais, contrapondo-se ao idealismo de Hegel, uma visão histórica de perene conflito, pedra angular do materialismo dialético de Marx. Aplicada ao nosso tema, a obra de Braudel nos levaria à conclusão de que a História é evolução e não revolução.

Conseqüentemente, passamos ao largo da demagogia do Estado sem classes, apanágio do proselitismo comunista. Reconhecidos os limites entre as classes, o Estado busca promover a paz social amparado no harmonioso convívio entre as mesmas, desmascarando as tentativas de promoção de guerra entre classes, partidas dos radicais ideológicos alojados nas mais diferentes camadas sociais. Em suma, no Estado democrático reconhece-se muitas vezes o conflito entre os interesses das classes mas nega-se a guerra entre elas. Ele evita por outro lado a alienada postura daqueles que se obstinam em negar conflitos, pois sabe que negar uma discussão é talvez o melhor meio de transformá-la em luta.

Uma nação em guerra é representada nas suas forças armadas pela mesma organização sócio-política adotada em tempos de paz. Médicos, advogados, engenheiros, motoristas, músicos, mecânicos,

padeiros, técnicos e homens em geral são convocados e lhes são conferidas diferentes patentes, correspondentes ao nível de responsabilidade que lhes cabe dentro da sociedade. Foi o exemplo da mobilização norte-americana para a 2ª GM, até hoje mostrada nos filmes que romanceiam ou historiam o período. É o cristalizar da idéia de que o exército se organiza segundo a estrutura política da Nação e de que a guerra é a continuação da política por outros meios. É o cristalizar estrutural da noção de "levée en masse", novidade que a conjuntura da Revolução Francesa traria ao se mobilizar contra as monarquias europeias.

Tudo isso faz parte da convicção ideológica do oficial do Exército e, se aqui a recordamos, é porque julgamos natural daí concluir que a oficialidade das forças armadas deve ser predominantemente recrutada na classe média. Os não oriundos dela devem ser estimulados a dela fazerem parte, auxiliando-se assim, inclusive, à mobilidade vertical entre as diferentes camadas sociais. Os hábitos de comandar, liderar, fiscalizar, exigir, criar, sugerir, propor, inovar estão intimamente ligados à função desempenhada pela classe média na sociedade. Quanto mais o País se desenvolve, mais importante é que esta oficialidade ocupe o lugar social e econômico que lhe cabe, facilitando-se o papel a ser desempenhado pelas forças armadas na paz e na guerra.

Uma oficialidade em sua maioria recrutada nas classes mais al-

tas tende à casta. Uma oficialidade predominantemente recrutada nas classes mais baixas sofrerá de complexos sociais que a inibirão de comandar eficientemente, quando, particularmente, mobilizada a nação, os convocados a se tornarem oficiais inundarem os quartéis e perfilarem-se, estrelas nos ombros, com os profissionais que devem se não comandá-los ou liderá-los, pelo menos influenciá-los.

As forças armadas retratam o estado a que servem e sua imagem varia no tempo e no espaço. Clausewitz nos diz que "... um único e mesmo objetivo político pode provocar em diferentes nações, e numa mesma nação, reações diferentes em épocas diferentes" (19). O Exército Vermelho, organizado a partir da parcela significativa do Exército do Czar e incumbido de propagar a Revolução Operária Mundial, recebeu nas suas fileiras, de forma inédita na história dos exércitos modernos, os comissários políticos, gendarmes da obediência ideológica da força terrestre ao Estado soviético. Da mesma forma é notória a sujeição de Whermacht ao nazismo, inicialmente aos seus símbolos, terminando por encarnar seus propósitos, por mais que isso repugnasse aos velhos generais de tradição prussiana. Hoje em dia, a enorme diferença dos próprios fins, da organização e do treinamento da Bundeswher retrata tam-

(19) CLAUSEWITZ, Carl Von, "O que é a guerra?". In Von Kriege, 1ª ed., São Paulo, Martins Fontes Editora, 1979, L I, Cap. 1, p. 80.

bém a grande diferença entre o extinto Estado Nacional-Socialista Alemão e a moderna República Federal Alemã.

Daí a necessidade de ter o profissional uma base ideológica que alimente suas convicções e as dos seus comandados, tornando-se infensos aos desvios doutrinários que, manifestando-se nas forças armadas de qualquer nação democrática, comprometem o seu futuro como nação livre, soberana e verdadeiramente desenvolvida.

Democracia não representa fraqueza nem alienação. A formação do oficial carecerá sempre de sólido embasamento ideológico. A relação entre ela e suas forças armadas vem de muito tempo atrás, do exemplo imortal da única grande democracia da Antigüidade, a incomparável Atenas; relação magnificamente descrita na Oração Fúnebre de Péricles, proferida quando a Cidade-Estado vem, na pessoa do seu dirigente, homenagear seus primeiros mortos na fatídica Guerra do Peloponeso.

CONCLUSÃO

“Vimos-então que não há choque entre a eficácia militar e a cultura.” Esta verdade incontestável nos permitiu prosseguir e concluir o quanto é importante para o militar aplicar em ambiente de guerra ou na sua imitação os conhecimentos adquiridos. Passamos a considerar seriamente o treinamento sob tensão e a valorizar as ativi-

dades em campanha por serem promotoras de múltiplos benefícios na vida de caserna e, principalmente, por serem aquelas que justificam cabalmente perante a sociedade e a Ética o que somos ou nos preparamos para ser.

Passamos em seguida a defender a rigidez na formação e no treinamento, inoculando dogmas e disciplina. Destacamos o largo alcance do papel institucional do pouco conhecido trabalho que se desenvolve diuturnamente nos quartéis e assinalamos que é absolutamente necessário que o exército professe a ideologia do Estado a que serve, sob pena de se tornar mercenário, omissão ou trampolim de aventureiros. Amparamos toda argumentação ideológica na organização social do nosso País e citamos as classes e os papéis que lhes cabem.

Foi fácil, portanto, chegarmos à conclusão de que “mais importante do que a habilidade técnica é a formação do caráter do combatente”. No entanto, não podemos esquecer que o desempenho elementar e habitual das funções militares é a base de todo o trabalho. No nível formação, forjar caráter e aprender a ser soldado se confundem. É impossível pensar-se em desenvolver o caráter militar de um jovem aspirante desprovido de conhecimentos profissionais que o tornem digno de confiança de seus homens. Se ele ao início da carreira não provar a sensação de comandar, liderar e impelir seus homens, jamais será um chefe militar. Para que ele consiga fazê-lo, deve ser soldado, ten-

do aprendido a sê-lo de maneira dura e determinada. Deverá ter ido ao campo inúmeras vezes e sem a preocupação de ter decorado tudo que viu e que fez ao longo de quatro anos; deve ter aquela convicção interior de que pode desincumbir-se de qualquer missão de um tenente, mediante consulta adequada ao manual da Arma, Quadro ou Serviço.

Finalmente, não devemos definir uma guerra por seus métodos ou combatentes. O tipo de guerra a ser levada a cabo é uma decisão de Estado. É na realidade o primeiro e mais importante ato de guerra. Cabe às forças armadas executarem-na militarmente e consequentemente estarem preparadas para tal. Portanto, as virtudes guerreiras de uma força armada desenvolvidas no decorrer de qualquer tipo de operação militar, cuja execução lhe foi imposta pelo Estado e cobrada pela nação, devem ser conservadas e aproveitadas. Os ensinamentos doutrinários podem não se aplicar a outros tipos de conflitos. Caberá aos teóricos depurá-los e não permitir que predominem perigosamente intoxicando o exército, a exemplo do Exército francês, grande vitorioso na 1ª Guerra Mundial e fragorosamente derrotado em 1940. No entanto, o entusiasmo profissional, o aguerrimento, a rusticidade, o espírito de luta e o gosto pelas atividades bélicas são necessários a qualquer tipo de guerra. Cerceá-los ou pelo menos pretender-se mantê-los em certos níveis a fim de evitarem-se os excessos deles eventualmente decorrentes será sempre perigoso

se considerarmos o penoso caminho que tiveram de percorrer as nações e os respectivos exércitos derrotados até resgatarem da humilhação, escravidão e sofrimento a honra e a soberania nacionais comprometidas.

BIBLIOGRAFIA

1. ARON, Raymond — Paz e Guerra Entre as Nações — Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1979.
2. BRAUDEL, Fernand — O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo — São Paulo — Martins Fontes Editora — 1983.
3. CLAUSEWITZ, Carl Von — Vom Kriege — São Paulo — Martins Fontes Editora — 1979.
4. CZEGE, Huba Wass De — Cel do Ex EUA — Como transformar um Exército — Military Review — 3º Trim 85.
5. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda — Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira SA — 1975.
6. GIRARDET, Raoul — Du soldat et l'intellectuel — Armées d'au Jourd' Hui — Setembre — 1982, Armées et Culture p. 27.
7. JOMINI, Henri — Epítome da Arte da Guerra — Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1949.
8. MACRIDIS, Roy C. — Ideologia Política Contemporânea — Brasília — Editora Universidade de Brasília, 1982.
9. NISBET, Robert — Os Filósofos Sociais — Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.
10. RAPOORT, Anatoli — Lutas, Jogos e Debates — Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1980.
11. THOMPSON, Henry L. — Ten Cel do Ex EUA — Treinamento sob Tensão dos EM — Military Review — 3º Trim 85.
12. TUCÍDIDES — História da Guerra do Peloponeso — Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.
13. WEIGLEY, Russel F. — Novas Dimensões da História Militar — Rio de Janeiro — Bibliex — 1981-1982.





Capitão de Artilharia Sérgio Paulo Muniz Costa – Possui os cursos da Academia Militar das Agulhas Negras, de Oficial de Comunicações da Escola de Comunicações e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Foi Comandante de Linha de Fogo e Comandante de Bateria de Serviços do 29º Grupo de Artilharia de Campanha – Cruz Alta – RS, Comandante de Bateria de Obuses no 32º Grupo de Artilharia de Campanha – Brasília – DF e Comandante da Bateria de Comando do 14º Grupo de Artilharia de Campanha – Pouso Alegre – MG. Foi instrutor do Curso de Artilharia do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Recife e Instrutor-Chefe do Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva do 14º GAC. Publicou em Setembro de 1983 o artigo “Vom Kriege, 150 anos depois” na revista DEFESA NACIONAL. Atualmente é instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras.